

Autoconceito Profissional dos Professores de Ciências e Matemática do 2ºciclo do Ensino Básico: Adequação e Relação com o Tempo de Serviço, a Formação e a Cidadania

Sónia Fonseca¹ & Feliciano Veiga²

¹Escola Ensino Básico 2ºe 3ºciclos Telheiras nº2

²Instituto de Educação da Universidade de Lisboa

O presente estudo teve como objectivo geral estudar as oscilações no autoconceito profissional dos professores de ciências e matemática, quer em termos da sua adequação (baixo *versus* elevado), quer em função das variáveis: tempo de serviço, formação havida recebida, frequentada (inicial e contínua), e comportamentos de cidadania docente. A amostra foi constituída por 242 professores. Os instrumentos utilizados foram o *Teacher Self-Concept Evaluation Scale* (TSCES) e a *Escala de Representações dos Professores acerca dos Comportamentos de Cidadania Docente* (ERP-CCID). A análise dos resultados permitiu concluir que o autoconceito profissional dos professores se mantém positivo em aspectos específicos, se correlaciona negativamente com o tempo de serviço e positivamente com a cidadania docente e com a formação recebida. Os resultados havidos corroboram a literatura revista. O estudo termina com a descrição das limitações e com a apresentação de sugestões para novas investigações.

Palavras-Chave: Autoconceito Profissional dos Professores, Cidadania Docente, Desenvolvimento Profissional.

1. INTRODUÇÃO

Vivemos uma conjuntura económica, política, social e mesmo cultural que não motiva para a escolha de uma profissão na área educativa. O papel, a eficácia e postura dos professores têm sido constantemente questionados. As transformações sociais, cada vez mais rápidas, associadas à complexidade da dimensão educativa, fazem com que a profissão docente seja alvo de um conjunto de tarefas, de funções e de papéis difíceis de concretizar, nomeadamente no seio de instituições cada vez mais heterogêneas e multiculturais (Cunha, 2008). Assim, à “escola de massas”, conceptualizada agora como “escola inclusiva”, são solicitadas novas funções que se traduzem em alterações na profissão e nos papéis desempenhados pelos professores, provocando um rápido alargamento e diversificação da função docente (Formosinho, 1992, citado por Cunha, 2008). “

Deste modo, levanta-se um conjunto de questões, ligadas não só à vida profissional dos professores, mas também ligadas à própria pessoa humana que é o professor: Como se sente o professor no meio de toda esta conturbação? Como lida com

tantas mudanças súbitas? Em que medida, o seu trabalho se vê afectado por estas variações?

São inúmeras, as dimensões que se podem estudar nos professores, mas antes de serem professores, são seres humanos, cujas acções, reacções, comportamentos e respostas residem numa matriz única, integrante de cada ser humano – o *autoconceito*. Espinar (1986, citado por Gonçalves, 2006) afirma que entre as variáveis da personalidade o *autoconceito* é o que mais influencia o sucesso profissional, sendo por isso necessário aprofundar o seu estudo e desenvolvê-lo, para que contribua para o favorecimento do sucesso profissional.

Assim, esta investigação centra-se no estudo do *Autoconceito Profissional dos Professores*, do grupo disciplinar de Ciências da Natureza e Matemática (2ºciclo). Por um lado, pretende-se estudar como varia o autoconceito profissional dos professores, e por outro, saber se essa variação pode afectar o seu trabalho em sala de aula. Formulou-se o seguinte problema geral: Quais as oscilações no autoconceito profissional dos professores de ciências e de matemática, no 2º ciclo do ensino básico, e de que forma se relacionam com o desempenho nas aulas?

1.1. O Autoconceito Profissional

O autoconceito consiste em todas as formas, como uma pessoa pensa que é, nos seus julgamentos, nas avaliações e tendências de comportamento, o que leva a que o autoconceito seja analisado como um conjunto de várias atitudes do *eu* e únicas de cada pessoa. “O estudo do autoconceito tem em geral o suposto de que a compreensão do mesmo pode facilitar a promoção de outras dimensões da personalidade (...) o relacionamento interpessoal e a satisfação do indivíduo consigo mesmo” (Veiga, 1995, p. 11). O autoconceito modifica-se ao longo da vida, é multidimensional e revela se o indivíduo está ou não satisfeito consigo mesmo, e esta satisfação ou insatisfação com a sua própria pessoa influenciará as suas relações com ou outros nas organizações nas quais se insere, escola, família, trabalho e outras (Costa, 1996). Deste ponto de vista, o nível de autoconceito que um professor apresenta poderá influenciar o seu desempenho no seu contexto de trabalho – a Escola.

O autoconceito profissional emerge do *eu pessoal*, podendo este constituir-se como um entrave ou suporte no desenvolvimento daquele (Roque, 2003). O autoconceito profissional dos professores decorre, essencialmente, da sua interacção

com o meio, tendo em conta a experiência de cada indivíduo. Nos professores o autoconceito é uma dimensão fundamental para compreendermos a forma como agem profissionalmente e como organizam a sua relação e comunicação com os alunos (Franco & Nicolau, 2008).

1.2. Formação Inicial e Formação Contínua

Soares (1995) considera que a formação deverá incidir na construção e no desenvolvimento do futuro educador. Este autor destaca que se se pretende dar apoio aos professores no seu papel de profissionais de desenvolvimento humano, deve-se dar ênfase ao seu próprio desenvolvimento, enquadrando outras competências e outros saberes, fundamentais e de enorme relevo para o processo de ensino - aprendizagem. A mesma ideia é defendida por Cunha (2008), que afirma que a formação de professores deve ser perspectivada em função do desenvolvimento global, com condições facilitadoras de crescimento pessoal, social e profissional, conducente à sua auto-realização. Alguns estudos mostram uma relação positiva entre os níveis de desenvolvimento dos professores (estádios de maturidade psicológica na lógica da flexibilidade e na capacidade de se adaptar a mais situações) e as práticas educativas (Ralha-Simões, 1994; Formosinho 1987).

1.3. Autoconceito Profissional e Tempo de Serviço

A aprendizagem da profissão docente (socialização) e o desenvolvimento do professor constituem uma problemática complexa que se realiza ao longo de toda a vida profissional, começando mesmo antes da entrada para um curso de preparação formal (formação inicial numa instituição), envolvendo contextos organizacionais, temporais, profissionais, pessoais, sociais, e históricos. Estudos mostram que com o passar do tempo, o autoconceito profissional vai-se modificando, fruto não só das experiências profissionais, mas também pessoais. Várias investigações, como a de Huberman (1989, 1992), Fuller e Brown (1975) ou Katz (1972, 1993), demonstram que a carreira de um professor não é linear e que os professores se envolvem diferentemente na carreira consoante o tempo de serviço que detêm, valorizando aspectos diferentes nas várias fases. O desenvolvimento do autoconceito profissional será igualmente influenciado por estes ciclos.

1.4. Comportamentos de Cidadania Docente

A cidadania docente pode ser entendida como um conjunto de comportamentos tendencialmente discricionários, não directa ou explicitamente reconhecidos pelo sistema de recompensa formal, e que contribuem para o funcionamento eficaz da organização escolar, designadamente no que concerne ao desempenho académico dos estudantes (Gonçalves & Veiga, 2009).

Identificar o perfil do *professor ideal* constitui uma preocupação quando se pretende definir as técnicas e métodos de intervenção pedagógica mais eficazes. Diversos estudos efectuados mostraram que aspectos como: relação professor /aluno, interesse e compreensão dos professores, associados às características pessoais destes (firme, disciplinador, justo, amigo, sempre disponível para ajudar), são um pequeno esboço daquilo que deverá ser um “bom” professor (Cunha, 2008).

2. METODOLOGIA

2.1 Instrumentos

O instrumento de recolha de dados foi o inquérito por questionário, constituído por questões de resposta fechada. O questionário contemplou vários instrumentos: o *Teacher Self-Concept Evaluation Scale (TSCES)* de Villa e Calvete (2001), já existente e validado na literatura internacional; uma adaptação da *Escala de Representações dos Professores acerca dos seus Comportamentos de Cidadania Docente (ERP-CCID)* de Rego (2003). Elaboraram-se ainda outros instrumentos pertinentes para a consecução dos objectivos deste estudo: um *Questionário Adicional (QA)*, onde se avaliou a importância dada à formação inicial e/ou contínua e um *Questionário Complementar (QC)*, onde se optou por colocar algumas questões de natureza pessoal e profissional, como por exemplo, o tempo de serviço, a idade dos sujeitos, entre outras.

2.2. Procedimento

O primeiro passo foi contactar os Conselhos Executivos de várias escolas do país. Foram distribuídos cerca de 600 questionários, quer pessoalmente, quer por via electrónica (ficheiro *Word*), tendo sido recebidos apenas 245 questionários. Deste total, 3 foram considerados nulos, pelo que a amostra final, em que foi feito o tratamento estatístico com o programa SPSS foi de 242 questionários. Os questionários recolhidos

são provenientes de seis distritos de Portugal Continental, situados no Norte, Centro e Sul, a maioria em concelhos litorais.

2.3. Sujeitos

A amostra que serviu de base a este estudo é constituída por 242 docentes maioritariamente do género feminino (83,5%), com idades compreendidas entre os 25 e os 44 anos de idade (62%) e a trabalhar no 2ºciclo do ensino básico (96,3%). Grande parte tem entre 10 a 19 anos de serviço (40,3%), situando-se nos primeiros escalões profissionais que correspondem aos índices de vencimento mais baixos, segundo o estatuto da carreira docente.

3. RESULTADOS

O Quadro 1 pretende dar resposta à questão de estudo número um (*Q1 - Como se distribuem os professores por aspectos específicos do autoconceito profissional, em termos de autoconceito negativo ou positivo?*). São apresentadas as percentagens dos diferentes parâmetros do autoconceito profissional, em termos de discordância - 1 (corresponde a “discordo totalmente”, “discordo bastante” e “discordo mais do que concordo”) e em termos de concordância - 2 (corresponde a “concordo mais do que discordo”, “concordo bastante” e “concordo totalmente”).

Pela análise do Quadro 1 verificam-se diferenças percentuais bastante significativas ($p < 0,001$) na generalidade dos parâmetros, com excepção para o item 11 (“Nas minhas actuais circunstâncias é difícil ter sucesso”), onde a distribuição não é significativa, e o item 21 (“Gosto de correr riscos”) com uma significância ligeiramente menor ($p < 0,01$). Os itens 5, 15, 17, 23, 28 e 32 (itens inversos) apresentam percentagens mais elevadas na coluna 1, discordância com o conteúdo do item. O item com maior percentagem de discordância é o item 28 (“Não aguento mais ficar na minha profissão”) com 88%. O item 13 (“Penso que tenho elevadas competências para ensinar”) é o que apresenta maior valor, com 99,2% na coluna 2 (concordância com item).

Quadro 1

Distribuição dos Professores por Aspectos Específicos do Autoconceito Profissional, em Termos de Discordância (1) ou Concordância (2) com o Conteúdo do Item.

Teacher Self-Concept Evaluation Scale – TSCES		1	2	χ^2	Sig.
01	Sinto-me como muito competente na minha profissão.	2,5	97,5	217,60	***
02	Sinto-me integrado na relação com os meus colegas.	2,9	97,1	213,81	***
03	Gosto de pensar em novos projectos.	3,7	96,3	207,34	***
04	Sinto segurança na maneira como me relaciono com os alunos.	2,1	97,9	222,41	***
05	Sinto-me frustrado no trabalho.	66,9	33,1	27,79	***
06	Sinto-me livre e sem medo de ser eu próprio a assumir as consequências.	16,3	83,8	109,35	***
07	Penso que, em geral, sou bom professor.	1,7	98,3	226,26	***
08	Gosto das relações que estabeleço com os outros no meu trabalho.	2,5	97,5	217,60	***
09	As mudanças não me perturbam.	25,7	74,3	56,80	***
10	Tenho toda a confiança dos meus alunos.	21,3	78,8	79,35	***
11	Nas minhas actuais circunstâncias é difícil ter sucesso.	45,0	55,0	2,38	ns
12	Sinto-me bem comigo mesmo apesar de não ser perfeito.	3,3	96,7	210,06	***
13	Penso que tenho elevadas competências para ensinar.	0,8	99,2	234,06	***
14	Sinto-me estimado pelas outras pessoas.	9,9	90,1	155,52	***
15	Tenho dificuldades em tomar iniciativas.	72,7	27,3	50,00	***
16	Gosto habitualmente das relações que tenho com as minhas turmas.	2,9	97,1	214,81	***
17	O meu trabalho como professor não me dá satisfação.	85,1	14,9	119,42	***
18	Sei muito bem o que quero e aquilo que posso fazer.	3,3	96,7	211,06	***
19	Acredito nas minhas próprias competências.	1,7	98,3	226,26	***
20	Tenho facilidade em partilhar e cooperar com os outros.	7,9	92,1	171,97	***
21	Gosto de correr riscos.	39,0	61,0	11,66	**
22	Em geral os alunos têm muita estima por mim.	5,8	94,2	189,24	***
23	Se me fosse possível mudaria de profissão.	66,7	33,3	26,67	***
24	Aprendo muito com os meus próprios erros.	2,9	97,1	214,81	***
25	Sinto confiança nas minhas próprias capacidades.	1,7	98,3	226,26	***
26	Sinto que sou bem aceite pelas outras pessoas.	1,7	98,3	226,26	***
27	As críticas, sejam de colegas ou de alunos, não me metem medo.	9,1	90,9	162,00	***
28	Não aguento mais ficar na minha profissão.	88,0	12,0	138,96	***
29	Acho que estou sempre a aprender.	2,9	97,1	214,81	***
30	Tenho fama de ser um professor eficiente.	10,3	89,7	146,89	***
31	Sinto que sou uma pessoa com valor.	2,1	97,9	221,42	***
32	Sou pouco confiante nas minhas próprias ideias e capacidades.	77,7	22,3	74,20	***
33	Os meus colegas vêem-me como um professor competente.	6,4	93,6	176,86	***

p<0,01; *p<0,001; ns – não significativo

O Quadro 2 apresenta os resultados relativos à questão de estudo número dois (*Q2* – *Como se diferenciam os professores nas dimensões do autoconceito profissional, em função do tempo de serviço?*). Relacionou-se as dimensões do autoconceito profissional com a variável tempo de serviço. Assim, salientam-se os itens 3 (“Gosto de pensar em novos projectos”), 12 (“Sinto-me bem comigo mesmo apesar de não ser perfeito”), 17 (“O meu trabalho como professor não me dá satisfação”) e 26 (“Sinto que sou bem aceite pelas outras pessoas”) com uma correlação estatisticamente significativa e inversa

($p < 0,05$) com o tempo de serviço. O item onde a correlação é maior é o item 31 (“Sinto que sou uma pessoa com valor”) ($p < 0,01$).

Quadro 2

Correlação entre os itens do autoconceito profissional e a variável tempo de serviço.

TSCES	Pearson
TSCES 03	-0,154*
TSCES 12	-0,146*
TSCES 17	-0,144*
TSCES 26	-0,159*
TSCES 31	-0,173**

* $p < 0,05$; ** $p < 0,01$

Quanto à questão de estudo número três (*Q3 – Que relação existe entre as dimensões do autoconceito e a importância dada à formação, quer inicial quer contínua?*), o Quadro 3 mostra a correlação entre as várias dimensões do autoconceito profissional e a importância dada à formação inicial e/ou à formação contínua. Verifica-se que existem correlações estatisticamente significativas em quase todos os itens. Observa-se um maior número de correlações significativas na coluna QA2, correspondente à formação inicial, do que na coluna QA1 que corresponde à formação contínua. Os itens que apresentam correlações estatisticamente mais significativas, quer em relação à formação contínua, quer em relação à formação inicial são os itens: 1 (“Sinto-me muito competente na minha profissão”), 3 (“Gosto de pensar em novos projectos”), 26 (“Sinto que sou bem aceite pelas outras pessoas”) e 33 (“Os meus colegas vêem-me como um professor competente”). Destaca-se o item 21 (“Gosto de correr riscos”) onde não se verifica qualquer correlação estatística significativa.

Quadro 3

Correlação entre os itens do autoconceito e a importância dada à formação quer inicial quer contínua.

Teacher Self-Concept Evaluation Scale – TSCES		QA1	QA2
01	Sinto-me como muito competente na minha profissão.	0,215**	0,294**
02	Sinto-me integrado na relação com os meus colegas.	0,070	0,217**
03	Gosto de pensar em novos projectos.	0,246**	0,174**
04	Sinto segurança na maneira como me relaciono com os alunos.	0,075	0,151*
05	Sinto-me frustrado no trabalho.	0,203**	0,097
06	Sinto-me livre e sem medo de ser eu próprio a assumir as consequências.	0,191**	0,055
07	Penso que, em geral, sou bom professor.	0,153*	0,211**
08	Gosto das relações que estabeleço com os outros no meu trabalho.	0,071	0,209**
09	As mudanças não me perturbam.	0,170**	0,167*
10	Tenho toda a confiança dos meus alunos.	0,209**	0,151*
11	Nas minhas actuais circunstâncias é difícil ter sucesso.	0,101	0,192**
12	Sinto-me bem comigo mesmo apesar de não ser perfeito.	0,119	0,224**
13	Penso que tenho elevadas competências para ensinar.	0,048	0,285**
14	Sinto-me estimado pelas outras pessoas.	0,168**	0,134*
15	Tenho dificuldades em tomar iniciativas.	0,168**	0,134*
16	Gosto habitualmente das relações que tenho com as minhas turmas.	0,124	0,184**
17	O meu trabalho como professor não me dá satisfação.	0,211**	0,140*
18	Sei muito bem o que quero e aquilo que posso fazer.	-0,031	0,166*
19	Acredito nas minhas próprias competências.	0,146*	0,296**
20	Tenho facilidade em partilhar e cooperar com os outros.	0,151*	0,285**
21	Gosto de correr riscos.	0,068	0,010
22	Em geral os alunos têm muita estima por mim.	0,181**	0,135*
23	Se me fosse possível mudaria de profissão.	0,156*	0,038
24	Aprendo muito com os meus próprios erros.	0,149*	0,120
25	Sinto confiança nas minhas próprias capacidades.	0,146*	0,274**
26	Sinto que sou bem aceite pelas outras pessoas.	0,171**	0,245**
27	As críticas, sejam de colegas ou de alunos, não me metem medo.	0,022	0,147*
28	Não aguento mais ficar na minha profissão.	0,250**	0,093
29	Acho que estou sempre a aprender.	0,053	0,172**
30	Tenho fama de ser um professor eficiente.	0,125	0,136*
31	Sinto que sou uma pessoa com valor.	0,146*	0,263**
32	Sou pouco confiante nas minhas próprias ideias e capacidades.	0,112	0,186**
33	Os meus colegas vêem-me como um professor competente.	0,213**	0,239**

*p<0,05; **p<0,01;

Legenda: QA1- Formação contínua; QA2 - Formação inicial

Através da análise ao quadro seguinte, Quadro 4 de forma a dar-se resposta à questão de estudo número quatro (*Q4 – Existe alguma relação entre o autoconceito profissional do professor e o comportamento destes profissionais enquanto professores?*), relacionou-se o autoconceito profissional com o desempenho destes enquanto docentes. Assim, verificam-se correlações estatisticamente significativas em quase todos os itens. Contudo, observam-se mais correlações positivas na coluna ERP-CCDI 1 que corresponde ao item “Dialogo abertamente com os alunos”, do que na coluna ERP-CCID7 que corresponde ao item “Os alunos gostam de vir falar comigo”.

Quadro 4

Correlação entre os itens do autoconceito profissional dos professores e os itens de comportamentos de cidadania docente.

Teacher Self-Concept Evaluation Scale – TSCES		ERP- CCID1	ERP- CCID7
01	Sinto-me como muito competente na minha profissão.	0,340**	0,315**
02	Sinto-me integrado na relação com os meus colegas.	0,135*	0,083
03	Gosto de pensar em novos projectos.	0,346**	0,157*
04	Sinto segurança na maneira como me relaciono com os alunos.	0,383**	0,446**
05	Sinto-me frustrado no trabalho.	0,146*	0,165*
06	Sinto-me livre e sem medo de ser eu próprio a assumir as consequências.	0,196**	0,198**
07	Penso que, em geral, sou bom professor.	0,406**	0,376**
08	Gosto das relações que estabeleço com os outros no meu trabalho.	0,289**	0,205**
09	As mudanças não me perturbam.	0,194**	0,093
10	Tenho toda a confiança dos meus alunos.	0,322**	0,297**
11	Nas minhas actuais circunstâncias é difícil ter sucesso.	0,068	0,101
12	Sinto-me bem comigo mesmo apesar de não ser perfeito.	0,440**	0,280**
13	Penso que tenho elevadas competências para ensinar.	0,293**	0,301**
14	Sinto-me estimado pelas outras pessoas.	0,275**	0,265**
15	Tenho dificuldades em tomar iniciativas.	0,076	0,004
16	Gosto habitualmente das relações que tenho com as minhas turmas.	0,423**	0,427**
17	O meu trabalho como professor não me dá satisfação.	0,185**	0,209**
18	Sei muito bem o que quero e aquilo que posso fazer.	0,249**	0,165*
19	Acredito nas minhas próprias competências.	0,410**	0,320**
20	Tenho facilidade em partilhar e cooperar com os outros.	0,137*	0,164*
21	Gosto de correr riscos.	0,055	-0,040
22	Em geral os alunos têm muita estima por mim.	0,412**	0,433**
23	Se me fosse possível mudaria de profissão.	0,122	0,098
24	Aprendo muito com os meus próprios erros.	0,326**	0,175**
25	Sinto confiança nas minhas próprias capacidades.	0,395**	0,323**
26	Sinto que sou bem aceite pelas outras pessoas.	0,291**	0,281**
27	As críticas, sejam de colegas ou de alunos, não me metem medo.	0,264**	0,220**
28	Não aguento mais ficar na minha profissão.	0,194**	0,132*
29	Acho que estou sempre a aprender.	0,270**	0,150*
30	Tenho fama de ser um professor eficiente.	0,347**	0,336**
31	Sinto que sou uma pessoa com valor.	0,338**	0,268**
32	Sou pouco confiante nas minhas próprias ideias e capacidades.	0,003	-0,004
33	Os meus colegas vêem-me como um professor competente.	0,283**	0,341**

*p<0,05; **p<0,01

Legenda: ERP – CCID 1 – “Dialogo abertamente com os alunos”

ERP – CCID 7 – “Os alunos gostam de vir falar comigo”.

4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1. Variações do Autoconceito Profissional dos Professores

O autoconceito dos professores apresenta-se globalmente positivo, verificando-se, na maioria dos itens, elevadas percentagens (autoconceito positivo). Assim, os itens que obtiveram maiores percentagens de concordância referem-se a dimensões como: competências na profissão; relação com os outros (colegas, funcionários); relação com os alunos e relação consigo próprio enquanto professor. O item com maior percentagem

de concordância é o 13, em que se afirma “Penso que tenho elevadas competências para ensinar”.

Os resultados obtidos estão de acordo com as investigações realizadas (Oñate, 1989; Leddy & Pepper's, 1993; Veiga, 1996; Roque, 2003; Gonçalves, 2006). Como afirmam Franco e Nicolau (2008), o autoconceito é uma dimensão fundamental para compreendermos a forma como os professores agem profissionalmente e como organizam a sua relação e comunicação com os alunos.

Nos itens inversos (5, 15, 17, 23, 28 e 32) os valores estão de acordo com os resultados anteriormente enunciados. No entanto, é de salientar que apesar de a maioria dos professores discordar destas afirmações, existem percentagens de concordância (coluna dois) que importa reflectir.

A diferença entre os resultados apresentados poder-se-á explicar, tendo em conta a revisão de literatura efectuada, através das diferenças entre autoconceito e auto-eficácia. Assim, o autoconceito é um constructo mais complexo, é uma estrutura cognitiva que organiza as experiências passadas do indivíduo e controla o processo de informação relacionado consigo mesmo; a auto-eficácia varia consoante as tarefas, os níveis de exigência e as circunstâncias em que estas decorrem. A auto-eficácia constitui uma crença individual sobre a habilidade para executar uma acção futura (Tamayo, 1993; Bandura, 1994 citado por Souza, 2006).

Os resultados sugerem que os professores têm um autoconceito profissional globalmente positivo, apesar, de existirem percentagens significativas, de professores com sentimentos negativos em relação à profissão que poderão estar mais associados ao conceito de auto-eficácia, conduzindo-os para uma certa desmotivação perante aspectos específicos da profissão. Esta ideia é reforçada pelo item 11 (“Nas minhas actuais circunstâncias é difícil ter sucesso”) em que 55% dos professores concordam com o mesmo. Estes resultados indicam que uma ligeira maioria dos professores atribui às “circunstâncias”, a responsabilidade pela falta de sucesso.

A revisão de literatura efectuada faz referência a um conjunto de aspectos que frequentemente actuam como fonte de impedimento à eficácia do ensino e consequente do sucesso educativo. Pois, alunos desmotivados e mal preparados, com baixo rendimento escolar em turmas numerosas; as famílias que muitas vezes se demitem do seu papel educativo e não participam na vida escolar do seu educando; uma certa vacuidade de apoio entre colegas de trabalho e a própria instituição escola com as suas burocracias e vícios institucionalizados provocam grandes abalos na motivação dos

professores para continuarem a envidar esforços para atingirem as grandes metas educacionais. Estes aspectos poderão constituir parte das “circunstâncias” que para uns são fonte de impedimento de sucesso. Contudo, verifica-se que para uns expressivos 45% de professores, essas “circunstâncias” não são fonte de limitações. As pessoas que acreditam e desenvolvem auto-percepções acerca das suas capacidades, criam meios para atingir os seus objectivos (metas), controlam o que são capazes de fazer para por sua vez, controlarem o seu próprio ambiente (Bandura, 1977b; Bzuneck, 2003; Castelo-Branco, 2006). Seria proveitoso em futuras investigações, explorar as crenças de auto-eficácia dos professores e suas influências no aproveitamento dos alunos.

4.2. Autoconceito Profissional dos Professores e Tempo de Serviço

Os resultados revelaram poucas correlações entre os vários aspectos do autoconceito com a variável tempo de serviço. As correlações obtidas foram negativas, e referem-se aos itens 3 (“Gosto de pensar em novos projectos”), 12 (“Sinto-me bem comigo apesar de não ser perfeito”), 17 (“O meu trabalho como professor não me dá satisfação”), 26 (“Sinto que sou bem aceite pelas outras pessoas”) e 31 (“Sinto que sou uma pessoa com valor”). Com estes resultados pode-se concluir, que o autoconceito profissional vai-se tornando mais negativo ao longo do tempo de serviço, ou seja, o autoconceito é mais positivo quanto menos tempo de serviço os professores apresentam. Os professores com menos tempo de serviço revelam um autoconceito mais positivo, e também são os primeiros a admitir que “ser professor” não é uma profissão satisfatória (item 17). Uma possível explicação poderá residir no facto de os professores mais jovens serem os que recebem os salários mais baixos e têm uma maior (e crescente) precariedade no emprego.

Estes resultados mostram que a carreira de professor não é linear, ao longo do tempo. Envolvem-se de forma diferente na carreira conforme o tempo de serviço que têm. Estes resultados foram também encontrados noutros estudos (Ferreira, 1998; Roque, 2003).

4.3. Autoconceito Profissional, Formação Inicial e Contínua

Os resultados apontam para uma correlação positiva entre ambos. Quase todos os itens do autoconceito profissional se mostram correlacionados com a importância dada à formação, quer inicial quer contínua. Quanto mais positivo é o autoconceito profissional

mais importância é dada à formação, e quanto maior é a formação mais contribui para a construção de um melhor autoconceito profissional.

Entre a formação inicial e a formação contínua, verificou-se que existiam mais correlações com a primeira do que com a segunda. Poder-se-á entender este resultado, uma vez que a formação inicial torna o indivíduo apto para exercer uma profissão, neste caso, apto para ser professor. Por isso, pode marcar mais do que a formação contínua, que muitas vezes só advém da vontade do professor, para continuar a formar-se ao longo da carreira. Quando se analisam os itens do autoconceito profissional e a forma como se correlacionam com o tipo de formação, verifica-se que os itens mais associados a um autoconceito positivo estão correlacionados sobretudo com a formação inicial. A amostra deste estudo caracteriza-se por uma faixa etária relativamente jovem, correspondente aos primeiros 20 anos de carreira o que mostra coerência com os resultados encontrados. Os professores que mais valorizam a formação inicial são aqueles que se julgam mais competentes para ensinar, que acreditam mais em si, que melhores relações estabelecem com os colegas, poderão ser pessoas com poucos anos de serviço e por isso a formação inicial ainda está muito presente.

Por outro lado, os itens associados a um autoconceito negativo aparecem mais relacionados com a formação contínua. Os professores, com um autoconceito menos positivo dão mais importância à formação contínua do que à formação inicial. Passando a ideia de que quem está mais descontente com a profissão é quem mais valoriza a formação contínua. Por exemplo, quem revela maior frustração no trabalho, também dá mais importância à formação contínua.

4.4. Autoconceito Profissional e Comportamentos de Cidadania Docente

A relação entre os vários aspectos específicos do autoconceito profissional e aspectos do comportamento da cidadania docente constituíram uma outra questão de estudo considerada nesta investigação.

Os resultados mostram bastantes correlações entre os itens do autoconceito e os comportamentos de cidadania docente do professor. Contudo, verificam-se mais correlações positivas entre os itens do autoconceito profissional e o item ERP-CCDI 1 “Gosto de dialogar com os alunos” do que no item ERP-CCDI 2 “Os alunos gostam de vir falar comigo”. Uma possível explicação poderá residir no facto da percepção do professor poder variar quanto a estes dois itens, com alguma facilidade o professor sabe

avaliar se gosta ou não de dialogar com os seus alunos, mas a mesma facilidade já não se verifica quanto se tenta avaliar se os alunos gostam de vir falar com o próprio, podendo gerar alguma subjectividade de interpretação. Existem bastantes itens do autoconceito onde a correlação com os comportamentos de cidadania do professor é forte. Os professores que se sentem mais competentes também sentem maior segurança no relacionamento com os alunos, acreditam que os alunos confiam neles e que sentem estima pelo professor; têm, também uma boa auto-imagem e estabelecem boas relações com os outros (comunidade escolar). Com estes resultados sobressai a ideia que um autoconceito profissional positivo contribui para as boas relações com todos, sobretudo com os alunos.

5. CONCLUSÕES FINAIS

Actualmente, assumir a profissão de [professor] constitui um grande desafio, pois para *ser professor* é necessário ter bem desenvolvidas características como a compreensão, o respeito, a tolerância, a adaptação e inovação. Educar jovens, num mundo em que se acrescenta conhecimento a todo o momento, em que se exige aos indivíduos cada vez mais competências para lidar com as situações emergentes do dia-a-dia, para lidar com a tecnologia, para lidar com as diferenças culturais, cada vez mais difundidas e consequentemente esbatidas pela ausência de fronteiras, ao mesmo tempo que se discutem direitos humanos e ambientais, parece constituir um desafio quase impossível de cumprir. Se se considerar que o professor é o principal actor da prática pedagógica, é premente que se compreenda quem é este profissional, como pensa, como age, como reflecte, não esquecendo que também é um ser humano como qualquer outro, mas com uma subtil diferença. Um professor pode influenciar vidas, influenciar sonhos, avivar esperanças, construir projectos, ou exercer o efeito contrário, limitar expectativas, esgotar convicções ou desconstruir ideais. Torna-se, então, relevante e pertinente conhecer e compreender o autoconceito profissional dos professores, pois a hipótese da influência deste, no comportamento profissional dos professores está confirmada por diversos estudos e autores (Balbinotti, 2000; Balbinoti & Tétréau, 2000; Blocher & Schutz, 1961; Bujold, 1972; Galinsky & Fast, 1966; Gottfredson, 1981; Holland, 1981; Kidd, 1984; Marocco, 1991; Oppenheimer, 1966; Stephenson, 1961; Tétréau, 1964; Vieira, 1996 citado por Primi, 2000).

Em suma, o autoconceito profissional dos professores varia, quer com aspectos

específicos da profissão docente quer com aspectos pessoais. Naturalmente, estes aspectos vão afectar o seu desempenho em sala de aula, o que permite afirmar que o desenvolvimento e estrutura de uma autoconsciência é um projecto para a vida inteira, e as experiências que vão decorrendo ao longo da vida dos indivíduos vão modificando esse mesmo autoconceito (Purkey, 1988). Assim, poder-se-á afirmar que nunca será demais investir no desenvolvimento profissional e pessoal dos professores.

CONTACTO PARA CORRESPONDÊNCIA

Sónia Fonseca sonia.cp.fonseca@gmail.com

Feliciano Veiga fhveiga@ie.ul.pt

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bandura, A. (1977b). Self-efficacy: toward unifying theory of behaviour change. *Psychological Review*, 84, 191-215.
- Bzuneck, J. (2003). *Leituras de Psicologia para a Formação de Professores - As Crenças de Autoeficácia dos Professores*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Castelo-Branco, M. (2006). *Corpo, Auto-eficácia e capacidade laboral: na senda do bem-estar docente*. Tese de Doutoramento. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Costa, P. (1996). *Relações entre o Autoconceito e a Satisfação no trabalho de funcionários de uma Instituição Bancária*. Tese de Mestrado. Brasília: Universidade de Brasília.
- Cunha, A. (2008). *Ser Professor – Bases de uma Sistematização Teórica*. Braga: Casa do Professor.
- Ferreira, M. (1998). *Autoconceito dos Professores e a Motivação para a Inovação na Escola*. Trabalho apresentado para a conclusão do curso de Administração Escolar, Educação e Trabalho. Lisboa.
- Formosinho, J. (1987). *Como organizar a Escola para o Insucesso Educativo. Comunicação apresentada no Seminário: Medidas que Promovam o Sucesso Educativo*. Braga.
- Franco, V. & Nicolau, H. (2008). Autoconceito dos Professores: principais factores usando modelos de Análise de Dados Multivariada. *Revista Educar Curitiba*, 32, (p.161-179), Editora UFPR.

- Fuller, F. & Bown, O. (1975). Becoming a Teacher. In K. Ryan, (Ed.), *Seventy Fourth Yearbook of The National Society for The Study of Education*. (pp.25-52) Chicago: University of Chicago Press
- Gonçalves, V. (2006). *Autoconceito Profissional dos Professores*. Tese de Mestrado: Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa – Departamento de Educação.
- Gonçalves, V. & Veiga, F. (2009). “Percepções dos professores acerca de si próprios enquanto profissionais da docência”. Estudo apresentado no X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia de Braga, realizado em 09,10 e 11 de Setembro de 2009, na Universidade do Minho, Braga.
- Huberman, M. (1989). *Le Cycle de Vie Professionnelle des Enseignants Secondaires*. Genève: Faculté de Psychologie et des Sciences de l’Education.
- Katz, L. (1972). Development Stages of Preschool Teacher’s. *Elementary School Journal*, 73, 50-54.
- Katz, L. (1993). Estádios de Desenvolvimento dos Educadores de Infância. *Cadernos de Educação de Infância*. A.P.E.I., Jul-Ago-Set, 16-19.
- Leddy, S. & Pepper, J. (1993). *Conceptual Bases of Professional Nursing*. Philadelphia: J.B. Lippincott Company.
- Oñate, M. (1989). *El Autoconcepto: Formación, medida e implicaciones en la personalidad*. Madrid: Narcea.
- Primi, R. et al. (2000). Desenvolvimento de um Inventário de Levantamento das Dificuldades da Decisão Profissional. *Psicologia e Reflexão Crítica*, (13),3 (pp. 451-463). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Acedido a 18 de Maio de 2009 em, <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/188/18813313.pdf>
- Purkey, W. (1988). *An Overview of Self-Concept Theory for Counselors*. ERIC Clearinghouse on Counseling and Personnel Services, Ann Arbor, Mich.
- Ralha-Simões, M. (1994). *Estádios do Ego e Competência Educativa como Vectores de Desenvolvimento do Professor*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Rego, A. (2003). *Comportamentos de cidadania docente: na senda da qualidade no ensino superior*. Coimbra: Coleção Nova Era, Educação e sociedade.
- Roque, P. (2003). *Autoconceito Profissional dos Professores de Ciências e de Outros Grupos Disciplinares*. Tese de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa – Departamento de Educação.

- Soares, I. (1995). Supervisão e Inovação numa Perspectiva Construtivista do Desenvolvimento. In I. Alarcão, *Supervisão de Professores e Inovação Educacional* (pp.135-147). Aveiro: Edições CIDInE.
- Souza, M. (2006). *O Papel do Autoconceito Profissional na Efectividade das Equipas de Trabalho*. Dissertação de Mestrado. Brasília: Universidade de Brasília.
- Veiga, F. (1995). *Transgressão e Autoconceito dos Jovens na Escola: Investigação Diferencial (1ªed.)*. Lisboa: Fim de Século.
- Veiga, F. (1996). Autoconceito e Rendimento dos Jovens em Matemática e Ciências: Análise por Grupos com Diferente Variação de Sucesso. *Revista de Educação*, 5, 2, 41-52.
- Villa, A. & Calvete, E. (2001). Development of the teacher self-concept evaluation scale and its relation to burnout. *Studies in Educational Evaluation*, 27, 239 – 255.